

Não Deixe

1544000000

A ALMA DE



UMA SOGRA

(COMPLETA)

AS PROEZAS DE UM NAMORADO MOFINO

Preço 500 réis



A Alma de uma Sogra

Em dias do mez passado
vi n'uma reunião
um trocador de cavallos,
um velho tabellião,
um criado d'um vigario
e a avó de um sachristão.

Veiu uma d'essas ciganas
que lê a mão da pessôa,
leu a mão d'um velho e disse:
—Vossa mercê anda atôa,
de cinco sogras que teve
não obteve uma bôa.

—E' muito exacto, cigana,
disse o velho a suspirar,
a melhor de todas cinco
essa obrigou-me a chorar,
depois de morta trez mezes
quasi me faz expirar.

Disse o velho : Minha vida
dá muito bem uma scena,
dá um romance e um drama
e a obra não é pequena...
O velho tabellião
quasi que chora de pena.

O velho ali descreveu
todas as scenas que déram,
alguns d'aquelles ali
foram escutar não poderam,
foi um serviço de gancho
o que essas sogras fizeram.

Disse que a primeira sogra
foi uma tal Marianna,
tinha os dentes arqueados
como a cobra Caninana,
elle cazou-se na quarta
brigou no fim da semana.

A segunda era uma typa
alta, magra e escovada,
damnada para passeios,
enredeira exaltada,
cavilosa e feiticeira,
intrigante e depravada.

Por felicidade d'elle
chegou-lhe a fortuna um dia :

deu a munganga na velha
chegou-lhe a hydrophobia,
foi morta a tiros, no campo,
graças ao povo que havia.

A terceira se chamava
Genoveva Bóta-abaixo,
espumava pela bocca
que a baba cahia em cacho,
um dia partiu p'ra elle
lhe fez da cabeça um facho.

A quarta era fogo vivo,
chamava-se Anna Martello,
filha de uma tal medonha
Bala de Bronze Cutello,
parecia um jacaré
d'esses de papo amarello.

Era da côr da giboia,
o rosto muito cascudo
e tinha no céu da bocca
um dente grande e agudo,
essa enguliu pelas ventas
um genro com roupa e tudo.

—Meu amigo, disse o velho,
eu me casei innocente
pois antes de me casar
a velha era tão prudente,

eu disse com os meus botões :
«Tenho uma sogra excelente».

Depois que casei, um dia,
eu inda estava deitado,
vi a velha dar um pulo
e abecar o criado
arrancar-lhe o coração
dizendo: Este eu como assado.

Veiu á porta do meu quarto
disse: Pedaco de burro,
inda não se levantou,
quer se levantar a murro?
Você ou cria coragem
ou sente o cheiro de esturro.

A derradeira de todas
não era muito ruim,
me levantava algum falso,
falava muito de mim,
eu teria me banhado
se as outras fossem assim.

Sempre tinha alguns defeitos
mas tambem não era tanto,
uma vez quiz obrigar-me
passar trez dias n'um canto
com um defunto nas costas
fazendo oração a um santo.

Mas se ella não fosse assim
a velha fazia gosto,
me fazia algum favor
depois me lançava em rosto,
si brigavamos em janeiro
ficavamos bem em agosto.

Ella depois de morrer
fez um papel temerario:
ajuntou-se com a alma
da avó de um boticario
e me passaram por sonho
um dos «contos do vigario».

Essa avó do boticario
em vida votou-me tédio
por ter o néto botica
e eu não comprar remedio,
mordeu ella e minha sogra
quasi desgraçam meu predio.

Disse-me a velha em sonho:
—Cave lá no pé do muro
que achará uma jarra
com moedas de ouro puro,
é teu e de minha filha
serão ricos no futuro.

Acordei, disse á mulher
tudo que tinha sonhado,

disse ella : Vá atrás
d'esse thesouro enterrado,
escavaque o pé do muro,
só se lá tiver peccado.

Então tornei a dormir
ellas voltaram de novo
me disseram : A jarra lá
está cheia como um ovo ;
mulher só diz é asneira,
vá escutar esse povo !

Vá cavar no pé do muro
aonde teve um coqueiro,
debaixo da raiz d'elle
acha uma lage primeiro
e debaixo d'essa lage
tem a jarra de dinheiro,

De manhã me levantei
e fui logo para lá,
cavei, encontrei a lage
disse contente : Oh, vem cá...
Sabe o que achei ? Um cortiço
de bezouro mangangá.

Ali os bezouros todos
fecharam em cima de mim,
eu nem sei como corri
julguei ali ser meu fim,

ouvi a velha gritar:

—Bezouros bons! Assim, sim.

Passei um anno e dois mezes
com febre, sobre o chão duro,
tinha febre todo o dia
trancado n'um quarto escuro
e a alma da damnada
me esperando no monturo.

A mulher estava dormindo
por sonho viu ella vir
e lhe disse: Minha filha
tu não podes resistir,
eu trago aqui um escravo
que vem para te servir.

A mulher lhe perguntou:
—E lá pelo mundo eterno
existe tambem escravo?
—Filha, lá tudo é moderno...
—Minha mãe onde achou este?
Disse a velha: No inferno!

Minha mulher disse ali:
—Jesus, Maria e José!
A velha espantou-se e disse:
—Atrevida! Como é
que chamas por trez pessoas
de quem eu perdi a fé?

Disse a velha se mordendo :
—Eu parto, sinão me acabo,
diabos carreguem meu genro
que nem sogra dá-lhe cabo...
Sahiram, então, se mordendo
a velha com o diabo.

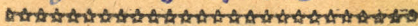
Essa tal de Bóta.abaixo
no dia que ella morreu
eu lhe mostrei uma imagem
pois a velha inda se ergueu
arreatou-me a imagem
deu um bóte e me mordeu.

Depois de morta trez annos
onde sepultaram ella
nasceu emcima da cóva
trez touceiras de mazella,
um livro de nova-ceita
achou-se no caixão d'ella.

A velha era damnada,
eu conheci o mysterio
e pude então conhecer
que o acto não era sério,
tanto que eu disse logo :
—Desgraçou-se o cemiterio !!

F I M

Não sepre



AS PROEZAS

DE UM

Namerado Mefino



Sempre adoptei a doutrina
dictada pelo rifão
de ver-se a cara do homem
mas não ver-se o coração,
entre a palavra e a obra
ha enorme distincção.

Zé Pitada era um rapaz
que em tempos idos havia,
amava muito uma moça
e o pae d'ella não sabia,
o desastre é um diabo
que persegue a sympathia.

Vivia o rapaz soffrendo
grande contrariedade,
chorava ao romper da aurora
gemia ao virar da tarde.
A moça era como um passaro
privado da liberdade.

Porque João Móle, o pae d'ella
era um velho perigoso,
embora que Zé Pitada
dissesse ser revoltoso,
adeante o leitor verá
qual era o mais valoroso.

Marocas vivia triste
Pitada vivia em ancia,
elle como rapaz moço
no vigor da sua infancia,
falar depende de folego
porém obrar é sustancia.

Disse Pitada á Marocas:
—Eu preciso lhe falar,
já tenho toda a certeza
que é necessario a raptar,
á noite espere por mim
que havemos de contractar.

Disse Marocas a Zézinho:
—Papae não é brincadeira...
Diz Zé Pitada: Ora essa!
Eu sou da mesma maneira,
você póde ver-me as tripas
porém não verá carreira.

Diga a hora que hei de ir,
eu dou conta do recado,

inda seu pae sendo fogo
por mim será apagado,
eu juro contra a minh'alma
que seu pae corre assombrado

Disse Marocas: Meu pae
tem tanta disposição
que uma vez tomou um preso
do poder de um batalhão,
balas choviam nos ares
o sangue ensopava o chão.

Disse elle: Eu uma vez
fui de encontro a mil guerreiros
entrei pela retaguarda
matei logo os artilheiros,
em menos de dez minutos
o sangue encheu os barreiros.

Disse Marocas: Pois bem,
eu espero e póde ir,
porém encare a desgraça
si acaso meu pae nos vir,
meu pae é de ferro e fogo
é duro de resistir.

Marocas não confiando
quiz logo experimentar,
olhou para Zé Pitada
fingindo querer chorar,

disse: Meu pae acordou
e nos ouviu conversar.

—Valha-me Nossa Senhora!
respondeu elle gemendo,
que diabo eu faço agora?
e cahiu no chão tremendo,
oh, minha Nossa Senhora,
a vós eu me recommendo.

N'isso um gato derrubou
uma lata na despensa,
elle pensou que era o velho
gritou: Oh, que dor immensa,
parece que estou ouvindo
Jesus lavrar-me a sentença.

A febre já me atacou,
sinto frio horrivelmente,
com muita dor de cabeça
uma enorme dor de dente,
está me dando a eryzipela
já sinto o corpo dormente.

Antes eu hoje estivesse
encerrado na cadeia,
de que morrer na desgraça
e de uma morte tão feia,
veja se póde arrastar-me
que minha calça está cheia.

Por alma de sua mãe
e pela Sagrada Paixão,
me arraste por uma perna
e me bóte no portão...
A moça quiz arrastal-o
mas não teve onde pôr a mão.

Ella tirou-lhe a botina
para ver se o arrastava,
mas era uma fedentina
que a moça não supportava,
aquelle material
já todo chão alagava.

Disse a moça : Quer um beijo
para ver se tem melhora ?
Elle com cara de choro
respondeu-lhe : Não, senhora,
beijo não me salva a vida
eu só desejo ir-me embora.

Então lhe disse Marocas :
—Desgraçado, eu bem sabia
que um ente do teu calibre
não póde ter serventia,
creio que fostes nascido
em fundo de padaria.

Meu pae ainda não veio
eu estou hoje sózinha...

Zé Pitada ahi se ergueu
e disse : Oh, minha santinha !
A moça metteu-lhe o pé,
dizendo : Vae-te, murrinha !

E deu-lhe ali uma lata
dizendo · Está ahi o pôço,
você ou lava o quintal
ou come um cachorro ençosso,
sinão eu metto-lhe os pés
não lhe deixo inteiro um osso.

Disse elle : Oh, meu amor,
o corpo todo me treme,
minha cabecinha está
que só um barco sem leme,
parece faltar-me o pulso
o anjo da guarda geme.

Então a moça lhe disse :
—O senhor lava o quintal,
olhe aqui uma tabica,
lava por bem ou por mal,
covardia para mim
é crime descommunal.

E lá foi o nosso rapaz
se arrastando com a lata,
a moça alli ao pé d'elle
lhe ameaçando á chibata,

elle exclamava chorando :
«Por amor de Deus não bata !»

—Vae, miseravel de porta,
quero já limpo isso tudo,
um homem da sua marca
pequeno, feio e pançudo,
só tendo sido criado
onde se vende miudo.

Disse o Zé quando sahiu :
—Eu juro por Deus agora:
ainda uma moça sendo
filha de Nossa Senhora,
si olhar p'ra mim eu digo :
—Desgraçada, vá embora !

F I M





Envie á Casa Editora

G U A J A R I N A

os seus pedidos de tolhetos,
acompanhados das respectivas
importancias que serão imme-
diatamente attendidos

Trav. São Matheus, 145/147

Belém—Estado do Pará



São Nossos Agentes

- Em MANAUS — Marques & Gaspar — Livraria do Mercado e Livraria do Povo, Rua Marquez de Santa Cruz, 45.
- Em RIO BRANCO (Acre) — Manoel Rodrigues — Casa Madrid.
- Em SANTAREM — João Alves Filho — Sobrado Velho da Aldeia.
- Em BELLA TERRA (Santarém) — Antonio Marcião.
- Em MARABA' — José Bandeira de Souza
- Em SAO LUIZ (Maranhão) — Valentim Maia, Rua Affonso Penna, 95-A
- EM CAXIAS (Maranhão) — Trindade Vidigal & Filho — Rua Aarão Reis n. 8
- Em TREZIDELLA (Caxias) — Elias Coelho de Rezende.
- Em THEREZINA — Pedro Soares de Carvalho, Rua Ruy Barbosa, Planalto Vermelho
- Em NATAL (R.G.do Norte) — Ramos & Irmão — *A Parahybana* — Rua Dr. Barata, 197
- Em XAPURY (Acre) — Raymundo Castello da Silva.
- Em FORTALEZA (Ceará) — Raymundo M. Barroso.
- Em PARNAHYBA (Piauhy) — Antonio Marques de Oliveira — Av. Capitão Claro, n.18
- Em AMARANTE (Maranhão) — Elias Lopes da Silva.
- Em ICATU' (Maranhão) — Orlando Lima.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).